

Despolitização e re-politização do futebol: em análise, a defesa das “tradições” pelos movimentos contra o futebol moderno no Brasil¹²

Ana Carolina VIMIEIRO^{3*}
Renan PETERSEN-WAGNER^{4**}
Carlos Frederico de Brito D’ANDRÉA^{5*}
Alice QUEIRÓZ^{6*}
Giovana MALDINI^{7*}
Maria Carolina MARTINS^{8*}

*Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

**Leeds Beckett University, Leeds, UK

Resumo

Este trabalho analisa o que vem sendo chamado de Movimentos Contra o Futebol Moderno (MCFM), buscando particularmente compreender os significados desse slogan no Brasil. Através de uma metodologia híbrida, que reúne análise de redes e de mensagens postadas nas páginas mais populares do Facebook que se identificam como espaços ligados aos MCFM, o artigo tem dois objetivos principais: 1) compreender contra o que exatamente os torcedores brasileiros se posicionam; e 2) explorar as tensões e contradições percebidas naquilo que é entendido como “tradição”. Acionamos uma diversidade de conceitos no artigo, com destaque para o arcabouço da (des)politização que nos possibilita destrinchar o entendimento que o “tradicional” pode ter em movimentos de resistência ao neoliberalismo.

Palavras-chave

Movimentos Contra o Futebol Moderno; ativismo e protesto no esporte; tradições do futebol; esporte e neoliberalização; politização e despolitização

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Essa pesquisa foi financiada pelo Programa Institucional de Auxílio à Pesquisa de Docentes Recém-Contratados da UFMG.

³ Professora do Departamento de Comunicação Social (DCS) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFMG. Coordenadora do Coletivo Marta - Grupo de Pesquisa em Comunicação e Culturas Esportivas (UFMG). Contato: acvimieiro@gmail.com

⁴ Professor Associado em Administração e Marketing do Esporte na Leeds Beckett University (Reino Unido). Contato: r.petersen-wagner@leedsbeckett.ac.uk

⁵ Professor do Departamento de Comunicação Social (DCS) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFMG. Coordenador do Grupo de Pesquisa R-EST - Estudos de Redes Sociotécnicas. Contato: carlosfhd@gmail.com

⁶ Bolsista de iniciação científica e graduanda em Jornalismo pela UFMG. Integrante do Coletivo Marta. Contato: alice.vitoriaqueiroz@gmail.com

⁷ Bolsista de iniciação científica e graduanda em Jornalismo pela UFMG. Integrante do Coletivo Marta. Contato: maldini.giovana@gmail.com

⁸ Bolsista de iniciação científica e graduanda em Jornalismo pela UFMG. Integrante do Coletivo Marta. Contato: carolinagamartins@gmail.com

Introdução

Torcedores de futebol têm expressado insatisfação com os desenvolvimentos “modernos” do esporte desde o pós-guerra, quando Taylor (1971a, 1971b) situa as origens do crescente vandalismo na transição de uma cultura do futebol baseada em valores da classe trabalhadora para um modelo orientado para o mercado que começava a predominar na Inglaterra. A oposição à modernização do futebol tem sido, no entanto, analisada com mais frequência pelos estudos sociológicos do esporte desde a década de 1990, quando a intensificação dos processos de globalização e mercantilização deram início a uma nova onda de mudanças, reinventando em algum nível as relações sociais definidoras do jogo. Essa literatura focalizou os movimentos sociais e grupos com discursos e atitudes mais militantes que se opunham às medidas em curso, como a adoção do modelo *all-seater* (Brown, 1998; Haynes, 1995; Nash, 2000, 2001). Mais recentemente, alguns trabalhos analisaram o surgimento dos chamados Movimentos Contra o Futebol Moderno (MCFM) em diversos países, como a Itália (Numerato, 2015), o Reino Unido (Hill, Canniford & Millward, 2016; Webber, 2017), Croácia (Perasović & Mustapić, 2017), Polônia (Gońda, 2013) e Brasil (Lopes & Hollanda, 2018). Este artigo dialoga com essa literatura, particularmente analisando o contexto brasileiro, e buscando contribuir para a compreensão desse fenômeno a partir de duas frentes: focando nas expressões de tais movimentos na Internet e a partir de um arcabouço teórico que intenciona superar a dicotomia do que Crawford (2004) chama de paradigma da Incorporação/Resistência.

Nossa análise enfoca os discursos expressos nas principais páginas do Facebook que se identificam como espaços ligados aos MCFM no Brasil. Usando o Netvizz (Rieder, 2013), selecionamos as 15 páginas mais populares relacionadas ao tópico para coletar os posts com mais engajamento, bem como as conexões dessas páginas com outras páginas. Nosso objetivo, com a análise do discurso, é compreender que tipos de significado esses grupos atribuem ao slogan “contra o futebol moderno” e entender, com a análise de redes, com quais grupos e atores sociais essas páginas estão conectadas. Como Numerato (2015) afirma, esse slogan anti-neoliberal foi adotado por atores heterogêneos e está associado a uma variedade de tópicos, valores, crenças e

opiniões frequentemente contrastantes em outras partes do globo. Nossa intenção é entender que tipos de interpretação os defensores brasileiros atribuem ao slogan e a rede em que essas páginas estão inseridas.

Para realizar a análise de rede, aplicamos alguns métodos digitais (Rogers, 2009). Para entender os significados atribuídos ao slogan, recorremos a uma análise de enquadramentos baseada no trabalho de Entman (1993) e Gamson e Modigliani (1989). A análise de enquadramentos é particularmente interessante neste caso porque é capaz de revelar a disputa de interpretações que ocorre em um assunto conflitante. Nossa análise usa categorias tradicionais na análise de enquadramentos como “causas” e “soluções” para entender a diversidade de coisas que os torcedores brasileiros são contra no futebol moderno e o que eles identificam como “futebol moderno”.

Teoricamente, acionamos o arcabouço teórico da politização/despolitização para propormos entendimentos do fenômeno que, a nosso ver, não dicotomizam tais movimentos como em oposição a um “mal” a ser combatido. Tais leituras levam muitas vezes a interpretações que colocam qualquer grupo que se posiciona contra o neoliberalismo e a invasão do mundo da vida pela lógica do capital como totalmente progressivos e democráticos. Como outros trabalhos demonstram, discursos homofóbicos, xenofóbicos e sexistas têm emergido em meio aos MCFM (Gonda, 2013; Numerato, 2015), tensionando aparatos interpretativos que trabalham a partir do paradigma da Incorporação/Resistência e que tendem a considerar as relações de opressão numa dinâmica binária.

A partir do aparato conceitual da politização/despolitização, fechamos o artigo examinando as tensões e contradições encontradas nessas páginas em torno do que seria a “tradição” que esses torcedores buscam manter. Nas páginas aqui analisadas, identificamos conflitos emergirem durante a polarizada eleição presidencial de 2018 no Brasil. Nesse caso, a ideia de defender “tradições” do futebol foi tanto interpretada por alguns grupos como indicando uma possível associação com o candidato progressista Fernando Haddad (que representaria algo que se opõe à mercantilização ampla e irrestrita da vida), quanto com o candidato ultra-conservador Jair Bolsonaro (que discursivamente defende diferentes tipos de “tradição”). A partir da discussão dos

conceitos de politização e despolitização, demonstramos que as críticas ao futebol moderno podem tanto ser um movimento na direção da **desnaturalização** do modelo “moderno” de futebol como única possibilidade – o que configuraria um tipo de politização por parte dos torcedores – quanto a defesa do **tradicional como único modo de vivência** – o que configuraria o que é chamado de despolitização. Essa perspectiva, acreditamos, ultrapassa o dicotomismo das perspectivas da Incorporação/Resistência e consegue problematizar a emergência de discursos anti-democráticos em meio a movimentos como os MCFM, além de complexificar o entendimento que o “tradicional” pode ter em movimentos de resistência ao neoliberalismo.

Histórico dos Movimentos Contra o Futebol Moderno

Tomando como ponto de partida o slogan ‘Contra o Futebol Moderno’ podemos nos perguntar a quais forças estes torcedores estão desejando enfrentar no momento em que entoam cantos em estádios, escrevem e trocam mensagens em grupos online, ou utilizam camisetas com este slogan. Como argumentado por Tyldesley e Tyldesley (2015) e Hill et al (2018) uma interpretação dos significados dado a este slogan por torcedores é que este pode ser compreendido como um ‘movimento rizomático’ (ver Deleuze e Guattari, 1987) ao qual múltiplos valores e anseios se encontram e se aglutinam. Não obstante, se tivéssemos que resumir ao que este ‘movimento social’ se refere poderíamos seguir as definições mais amplas dadas por Numerato (2015), Webber (2017), e Hill et al (2018) de que estes torcedores se opõem ao que pode ser considerado a hipercomodificação do esporte (ver Giulianotti, 2002; Walsh e Giulianotti, 2001). De certa forma, ‘Contra o Futebol Moderno’ se torna um slogan e ‘movimento social’ que encontra ressonância em outras lutas sociais opostas à intensa neoliberalização de esferas da sociedade - nesse caso a esportiva - além da puramente econômica.

Fazendo um apanhado histórico do surgimento e desenvolvimento do movimento ‘Contra o Futebol Moderno’ no Reino Unido, Webber (2017) argumenta que este pode ser compreendido como uma forma de resistência político-econômica às mudanças que ocorrem durante a década de 1980 e 1990, e mais especificamente à criação da Premier League em 1992. Para Webber (2017), é importante compreender

este movimento como parte e parcela das mudanças mais amplas que a sociedade britânica enfrentou durante estas décadas, em especial durante o governo neoliberal de Margaret Thatcher onde formas mais ‘tradicionais’ da teia social foram alteradas. De maneira similar à análise do final do século XIX feita por Emile Durkheim (1997 [1893]) no que tange às mudanças de uma solidariedade mecânica para orgânica e o impacto dessas mudanças na consciência coletiva, pode-se pensar o movimento ‘Contra o Futebol Moderno’ como um movimento nostálgico que busca re-alinhar os valores tradicionais das classes trabalhadores pré-1980 ao mundo contemporâneo (ver Tyldesley e Tyldesley, 2015).

Não obstante, como demonstrado explicitamente por Numerato (2015) e Tydesley e Tydesley (2015) ou implicitamente por Hill et al (2018) e Webber (2017), mesmo que este movimento rizomático esteja alinhado contra a hipercomodificação do esporte e as estruturas neoliberais de consumo este se faz valer dessas mesmas estruturas para se contrapor (ver Buarque de Hollanda e Paes Lopes, 2018 para um exemplo brasileiro). De certa forma, podemos pensar o movimento como um ‘coletivo em conflito’ onde por um lado há uma crítica à comodificação e intensa midiaticização do esporte, mas ao mesmo tempo estes sujeitos e grupos se utilizam de bens de consumo - por exemplo, camisetas com o slogan do movimento - e até mesmo de plataformas de mídia social para criarem e solidificarem o movimento. Em relação a este último ponto, é importante salientar como Hill et al (2018) fizeram para as novas possibilidades de aglutinação de sujeitos e ideias que plataformas de mídia social permitem, ao ponto de que estas passam a ser consideradas como redes de esperança na visão de Manuel Castells (2012).

O aparato da politização/despolitização

Nas últimas duas décadas, os conceitos de despolitização e politização ganharam notoriedade sobretudo entre pesquisadores da ciência política e sociologia para pensar uma série de processos ligados a uma certa colonização e esvaziamento da política em função da hegemonia do neoliberalismo. Próximo de ideias como a de “pós-política” e “anti-política”, foi primeiramente a noção de despolitização que se tornou popular, ainda no começo dos anos 2000, em função do contexto sócio-histórico vivenciado, em

que o colapso do comunismo, a dominância de políticas neoliberais de privatização e a desregulação triunfaram ao redor do globo e, com isso, emergiram argumentos que defendiam, por exemplo, “o fim da política” (Bogg, 2000) e a emergência da “pós-democracia” (Crouch, 2004). O trabalho seminal de Peter Burnham (2001) sobre as estratégias de governo do Partido Trabalhista na Inglaterra durante os anos 1990 deu início ao que alguns vêm chamando de primeira geração de estudos sobre as dinâmicas de (des)politização (Hay, 2014; Wood, 2016). A clássica definição de Burnham (2001) de que a despolitização é uma estratégia de governo em que o caráter político do processo de tomada de decisão é deslocado para agentes distantes desse mesmo governo caracteriza, ainda que de forma simplista, essa primeira geração de estudos em que as dinâmicas de despolitização/politização estão muito ligadas à esfera de poder formal.

A partir do final dos anos 2000, início da segunda década do milênio, podemos perceber uma certa ampliação desse arcabouço, ligada, diz Wood (2015), também ao cenário que se desenhava, da emergência de uma série de desafios ao neoliberalismo. A crise financeira de 2008, a Primavera Árabe e movimentos como o Occupy levaram ao interesse renovado nos processos de re-politização e um maior fôlego de discussão em torno da própria noção de politização. Com a renovada ação da sociedade civil, o próprio arcabouço teórico da área precisa se renovar e vemos então compreensões do processo de (des)politização serem ampliadas para além da esfera governamental.

Jenkins (2011) e Wood e Flinders (2014) fazem parte dessa segunda geração e propõem a incorporação das discussões mais governamentais dos primeiros estudos em um modelo teórico que retrabalha também a contribuição de Hay (2007). Jenkins propõe as seguintes definições para politização e despolitização:

Uma estratégia de politização, em seu sentido mais amplo, implica expor e questionar o que é dado, ou percebido como necessário, permanente, invariável, moral ou politicamente obrigatório e essencial. [...]. Uma estratégia de despolitização implica a formação de necessidades, permanência, imobilidade, fechamento e fatalismo, ocultando e negando ou removendo a contingência. (ps. 159-60)

O aparato da (des)politização nos parece pertinente de ser acionado aqui porque, ainda que dialogue diretamente com questões de economia política (o que é, como dissemos acima, fundamental para compreender a emergência dos MCFM), ele ainda

assim nos possibilita pensar nas contradições e nos processos de politização e despolitização que acontecem concomitantemente como parte da ação desses coletivos (e que podem ir além das questões de economia política). Sobretudo por se caracterizarem por junções fluídas e por não terem necessariamente uma instituição por trás (como movimentos sociais tradicionais), os MCFM tendem a englobar atores muito heterogêneos e que compreendem o slogan “contra o futebol moderno” de formas muito diferentes.

Análise das páginas do Facebook ligadas aos MCFM no Brasil

A análise que se segue é baseada em uma coleta feita em janeiro de 2017 a partir da expressão “futebol moderno”, realizada através da ferramenta Netvizz. A análise das redes de páginas que se articulam às páginas contra o futebol moderno e a análise das causas e soluções para o “problema” do futebol moderno se baseiam nesse conjunto. Na primeira, foram usados os dados das 15 páginas mais populares para compreender a rede de relações destas com outras 500 páginas no Facebook. No caso da análise de enquadramentos, selecionamos 150 posts com mais engajamento das duas páginas mais ativas (com mais conversas) entre essas 15 páginas para analisarmos quantitativamente o que os torcedores que as administram entendem como o problema do “futebol moderno”. Por fim, a análise dos conflitos identificados durante as eleições de 2018 é baseada na análise qualitativa de posts da página mais popular (com mais fãs) e também mais ativa (com mais conversas) ligada aos MCFM no Brasil, intitulada *Contra o Futebol Moderno - Brasil*⁹.

Redes com as quais as páginas se articulam

Usando o módulo “Page Like Network”¹⁰ da ferramenta Netvizz, identificamos as 15 páginas com mais curtidas no Facebook que abordavam diretamente o tema¹¹.

⁹ <https://www.facebook.com/contrafutebolmodernobrasil/> (Disponível em 26 Jun. 2019)

¹⁰ Este módulo começa com uma página selecionada (a “semente”) e recupera todas as páginas que a página curtiu. Ele continuará até que a profundidade de rastreamento especificada seja atingida (atualmente limitada a 2). A saída é um arquivo de rede (formato gdf) contendo uma rede (direcionada) de páginas.

¹¹ Relação disponível em <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1NV-cKoXg4-ryFir7H4ZOV3EjemIF7f--aR1iWuSAMA4/edit#gid=849801279>

Segundo os dados fornecidos pela API do Facebook, estas 15 páginas estavam então interligadas a outras 500 páginas desta plataforma de mídia social.

Os dados relacionados foram visualizados em um grafo abaixo (Figuras 1 e 2). Gerado com o software Gephi, cada nó representa uma página. O tamanho do nó equivale ao seu grau na rede visualizada. Ou seja, quanto mais likes uma página receber dentre as demais 514, maior o seu grau e o seu tamanho. Já as cores dos nós foram definidas a partir do algoritmo de modularidade do Gephi, que visa decompor a rede em subunidades, revelando tópicos e comunidades a partir de sua conectividade.

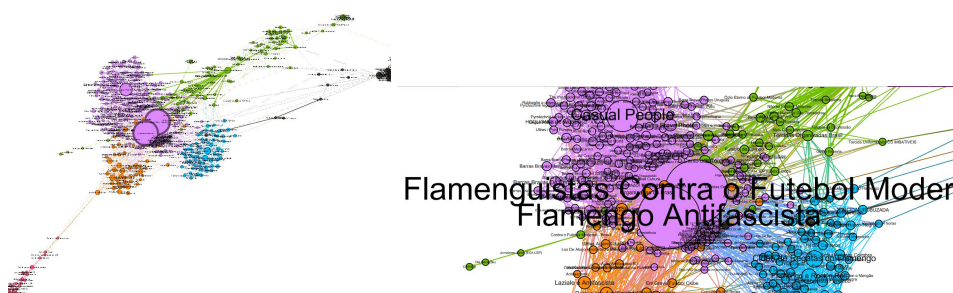


Figura 1: Grafo geral

Figura 2: Visão parcial da parte central do grafo

Vale destacar as características dos clusters principais, que acabam por demonstrar a relação das páginas dos MCFM com páginas de torcidas antifascistas:

Roxo: mais heterogêneo, com certo destaque para páginas internacionais ou sobre torcidas. Os dois maiores nós referem-se às páginas “Flamengo Antifascista” e “Flamenguistas contra o futebol Moderno”.

Azul Clara: Páginas ligadas à torcida do time do Flamengo. Os dois nós maiores são “Clube de Regatas Flamengo” e “Flamengo e Rock’n’Roll”.

Laranja: rede de torcidas antifascistas e torcidas identificadas com posição política de esquerda (como Vascomunistas).

Rosa: Páginas ligadas à torcida do Corinthians. Todas, sem exceção, estão ligadas apenas à página “Corinthians Antifascista”

Verde: Páginas ligadas à torcida do São Paulo Futebol Clube, com destaque para “São Paulinos Contra o Futebol Moderno”.

Preto: nó central deste cluster é a página “Contra o Futebol Moderno SP”. Nota-se certo destaque para páginas da torcida do Palmeiras.

Causas e soluções para “problema” nos posts com mais engajamento

Um dos principais objetivos de uma análise de enquadramentos é identificar como o problema em questão é definido. Para tal, são usadas categorias como “causas” e “soluções” indicadas para o problema para compreender como a natureza daquela questão é construída. Por exemplo, em um tema como a obesidade, a proposição de causas para a questão como estilo de vida sedentário e o domínio da indústria de

alimentos por restaurantes fast-food e produtos processados configuram o problema da obesidade de formas muito distintas (Lawrence, 2004). No primeiro caso, o problema é localizado na dimensão do indivíduo; no segundo caso, há uma ampliação do problema para a dimensão social. Essas duas causas implicam em soluções e responsáveis por solucionar o problema muito diferentes também.

Trabalhamos aqui com o quadro operacional proposto por Entman (1993) e Gamson e Modigliani (1989). Ainda que nossa análise tenha englobado um conjunto extenso de categorias proposto por esses autores, nos restringimos à análise de três categorias nesse artigo: subtópicos, causas e soluções. A análise seguiu um movimento dedutivo/indutivo. Dedutivo no que diz respeito às categorias (amplamente utilizadas na literatura sobre enquadramento) e indutivo no que diz respeito às variáveis (específicas do tema sob análise). Destacamos também que trabalhamos aqui apenas com os posts das páginas, sem explorar os comentários de usuários que se engajaram em ambas. Para essa parte da análise, trabalhamos com as duas páginas mais ativas (com mais conversas) entre as 15 páginas mais populares identificadas em nossa coleta. São elas: *Contra o Futebol Moderno - Brasil* (da qual analisamos 100 posts) e *Contra o Futebol Moderno SP¹²* (da qual analisamos 50). A primeira página foi criada em janeiro de 2014, mas todos os 100 posts com mais engajamento são de 2016 e 2017. A segunda página foi criada em março de 2015 e o conjunto de 50 posts inclui apenas uma mensagem de 2015 e o restante de 2016 e 2017.

O **subtópico** é sempre uma categoria importante em análises de enquadramento. Por exemplo, notícias sobre deficiência publicadas em seções e cadernos de Saúde são muito diferentes de notícias que falam de deficiência em cadernos de Cidades e Cotidiano (Vimieiro, 2011). Enquanto os primeiros tendem a pensar a temática a partir da medicina e de um paradigma normalizante, as últimas vão olhar para o tema a partir da lente dos direitos e de uma perspectiva social. No caso dos MCFM no Brasil, o principal subtópico dos posts foi o que aglutinamos sob a rubrica “Tradições” (Tabela 1), que abarca posts que falam de bandeiras, camisas, instrumentos, da paixão do torcedor e que muitos vezes tinham também um tom nostálgico.

¹² <https://www.facebook.com/contraofutebolmodernosp/> (Disponível em 26 Jun. 2019)

Subtópicos	Ocorrência
S1) Chapecoense	10
S2) Violência policial / segurança nos estádios	13
S3) Violência entre torcedores	5
S4) Escândalos de corrupção	7
S5) Manifestação/protesto	19
S6) Pirotecnia/sinalizadores	6
S7) Tradições (eg. bandeiras/camisas/instrumentos, paixão, nostalgia)	30
S8) Torcida única	1
S9) Preço dos ingressos	3
S10) Futebol e política	21
S11) Intolerância (racismo / xenofobia / fascismo / machismo)	7

Tabela 1: Subtópicos identificados nos 150 posts com mais engajamento

Muitos desses posts lançaram mão de fotos e vídeos para ilustrar qual seria a atmosfera desejada pelos torcedores dentro do estádio, como demonstram as Figuras 3 e 4. Além desse subtópico, muito central, que já indica o que os torcedores gostariam de ver no lugar do futebol que temos hoje, também identificamos várias postagens que falavam de “Futebol e política”, de “manifestações e protestos” e da “violência policial”. Exemplos de posts que tocavam na política formal são encontrados abaixo nas Figuras 5 e 6, onde também é possível identificar que as páginas aqui selecionadas não se furtaram de expressar suas posições políticas. Também vale destacar que o tema “Chapecoense” apareceu com destaque porque os dados coletados incluíram várias mensagens relativas ao acidente que vitimou quase o time inteiro da Chape em 2016.



Figuras 3 e 4: Exemplos de posts codificados com subtópico “Tradições”.

Na categoria **causas**, se destaca a questão da “Corrupção”, a “Proibição das festas das torcidas dentro do estádio” e a “Elitização do futebol” (Tabela 2). A questão da corrupção ganhou bastante relevância pois durante o período de análise teve repercussão o caso da Máfia da Merenda que envolvia o nome do deputado Fernando Capez (PSDB-SP). Muitas críticas emergiram nessas páginas envolvendo o caso pois

Capez foi eleito deputado estadual adotando um discurso de que combateria as torcidas organizadas.



Figuras 5 e 6: Exemplos de posts codificados com subtópico “Futebol e política”

É interessante notar como, entre as várias mudanças que o futebol passou como resultado da hipercomodificação, algumas questões parecem ser vistas mais claramente como causas para o problema: a proibição da festa, a elitização, a falta de diálogo com a polícia, a rivalidade entre as torcidas e a relação histórica do futebol com a política. Essas causas vão dialogar com a última categoria, **soluções**, que, em geral, teve uma ocorrência bem baixa em nossa análise (Tabela 3). Apenas 36 posts mencionaram algum caminho para solucionar os problemas do futebol moderno. Se destacam entre esses, o que pode ser chamado de “União das torcidas e clubes”, “CPI da Merenda/Prisão do Deputado” e as soluções mais específicas “Diminuição do preço dos ingressos”, “Liberação da entrada nos estádios de adereços” e “Jogos com horário mais flexível”.

Causas	Ocorrência	Soluções	Ocorrência
C1) Corrupção	16	SO1) CPI da merenda/Prisão do Deputado Fernando Capez	5
C2) Horário dos jogos	4	SO2) CPI das torcidas	1
C3) Falta de diálogo com a polícia	9	SO3) Criação de torcidas antifascistas	1
C4) Elitização do futebol	10	SO4) Desmilitarização da polícia/ Melhor preparo da polícia	2
C5) Surgimento de ideias fascistas no Brasil	1	SO5) Liberação da entrada nos estádios dos adereços das TOs (eg. faixas, sinalizadores, bandeiras etc.)	3
C6) Proibição do uso de sinalizadores	4	SO6) União das torcidas e clubes	7
C7) Celebrização dos jogadores	4	SO7) Setores dentro do estádio sem cadeiras marcadas	1
C8) Queda do avião da Chapecoense	9	SO8) Diminuição do preço dos ingressos	4
C9) Intolerância por parte dos jogadores e da torcida	5	SO9) Maior engajamento das torcidas e dos clubes em relação à política	3
C10) Proibição das festas das torcidas dentro dos estádios	11	SO10) Engajamento da torcida para punição de casos de machismo, racismo, etc	3
C11) Rivalidade/intolerância entre as torcidas	8	SO11) Jogos com horários mais flexíveis	3
C12) Relação histórica do futebol com a política	8	SO12) Aproximação entre jogadores e torcida	3

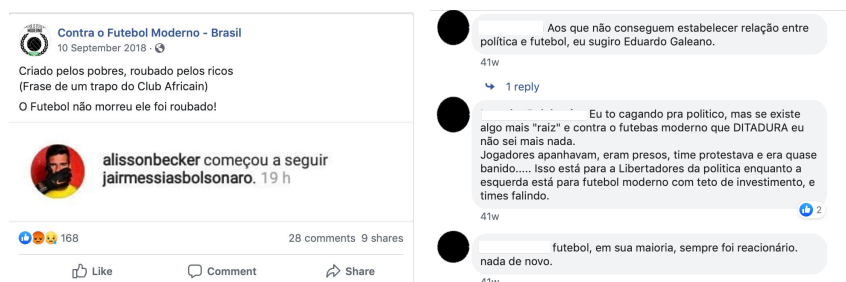
Tabelas 2: Causas identificadas nos 150 posts com mais engajamento

Tabelas 3: Soluções identificadas nos 150 posts com mais engajamento

Os conflitos durante as eleições 2018

Durante o período eleitoral de 2018 (07 de julho a 28 de outubro), foram postadas 61 mensagens no geral na página *Contra o Futebol Moderno - Brasil*, sendo que destas 24 mensagens tinham cunho político-eleitoral. Chama a atenção como a moderação da página, apesar de se manifestar politicamente em muitos posts fora do período eleitoral, foi rechaçada por alguns de seus seguidores por entendimentos distintos do que seria ser “Contra o Futebol Moderno” e como agir para demonstrar essa oposição.

No dia 10 de setembro de 2018, a página posta a primeira mensagem ligada às eleições dentro do período eleitoral. A mensagem questionava a escolha do goleiro Alisson de começar a seguir o candidato do PSL, Jair Bolsonaro (Figura 7). Entre os 28 comentários à mensagem, um se destaca por acreditar que não tem nada mais “raiz” que a ditadura (Figura 8).



Figuras 7 e 8: Primeira postagem ligada às eleições durante o período eleitoral e três dos 28 comentários

Nas diversas vezes que a página se manifesta contra o candidato Jair Bolsonaro, é visível o conflito de ideias sobre o que deveria ser postado em um espaço como esse. No dia 17 de setembro, a página critica o Palmeiras por não punir o atleta Felipe Melo por divulgar seu apoio à Jair Bolsonaro. Alguns torcedores criticam a posição da página, assim como outros a defendem (Figuras 9 e 10). No dia 19 de setembro, quando a página reposta vídeo do presidente da Gaviões da Fiel destacando a oposição da torcida ao candidato do PSL, novamente, vários posts demonstram o embate de entendimentos sobre o que aquele espaço deveria abrigar. Nesse caso, se destaca o apoio de torcedores ao posicionamento da página e a necessidade dos administradores fazerem uma “limpa” a partir das mensagens de alguns torcedores claramente “fascistas”. No dia 20 de

setembro, a página divulga mensagem de apoio de torcida antifascista dedicado ao clube chileno Colo-Colo. Mais uma vez, o embate de posições aparece nas respostas ao post.



Figuras 9 e 10: Comentários ao post que critica a posição palmeirense de não punir Felipe Melo

Também é notável, nessas postagens sobre as eleições, que os administradores da página e outros torcedores buscam problematizar a questão de que futebol e política não se misturam. Particularmente, um post do dia 23 de setembro é dedicado ao assunto ao problematizar a questão a partir da história de segregação de negros dentro dos clubes de futebol brasileiros (Figuras 11 e 12). Além de argumentar em defesa ou contra a ideia de que futebol e política estão relacionados, novamente também aparecem posts afirmando a incompreensão de alguns de que ser “Contra o Futebol Moderno” é necessariamente político.



Figuras 11 e 12: Post criticando a ideia de que futebol e política não se misturam e 11 dos 31 comentários

Nesses posts percebemos que para alguns ser “Contra o Futebol Moderno” pode vir desatrelado de uma discussão mais política sobre o que estaria por trás das mudanças na atmosfera dos estádios e nos preços dos ingressos. Ainda que a administração da página procure politizar a questão, desnaturalizando a necessidade da via “moderna” (o que é visto mais explicitamente em outros posts), muitos torcedores parecem defender as tradições a partir de um certo conservadorismo e não de uma posição politizada. O embate entre defensores da tradição com posição conservadora e defensores das tradições que politizam a temática ganha expressão durante a polarizada eleição brasileira de 2018 quando o tema das tradições e a defesa de valores tradicionais se tornam centrais no debate público.

Conclusão

A nosso ver, existem diferentes formas de se colocar a favor da tradição como o caso em tela ilustra e Canclini (2003) também já apontava. Na América Latina, em particular, cidadãos ordinários e grupos da sociedade civil podem se colocar em defesa das tradições como maneira de salvá-las frente às imposições do capitalismo. Muitas vezes essa defesa das tradições se dá de forma politizada, ao questionar o que significaria “progresso”. Do mesmo modo, grupos oligárquicos frequentemente defendem as tradições como modo de se manterem no poder. Não à toa, a modernidade latina é caracterizada por Canclini como aquela da hibridação. Onde as tradições não se vão por diferentes razões e o desenvolvimento acontece muito mais por incorporação do que por substituição. A defesa das tradições no âmbito dos MCFM parece assumir essa mesma configuração: demonstram na superfície um consenso entre seus adeptos, mas apenas na superfície, já que as razões para se defender as tradições podem ser profundamente distintas.

Referências

- BOGGS, C. **The End of Politics**. New York: Guilford Press, 2007. □
- BROWN, A. United we stand: some problems with fan democracy. In: BROWN, A. (Ed.). **Fanatics! power, identity and fandom in football**. London: Routledge, 1998, p. 50-67.
- BURNHAM, P. New Labour and the Politics of Depoliticisation. **British Journal of Politics and International Relations**, v. 3, n. 2, p. 127-49, 2001. □
- CROUCH, C. **Post-Democracy**. Cambridge: Polity Press, 2004. □
- CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo, EDUSP, 2003.

- ENTMAN, R. M. Framing: Toward clarification of a fractured paradigm. **Journal of Communication**, v. 43, n. 4, p. 51–58, 1993.
- GAMSON, W.; MODIGLIANI, A. Media discourse and public opinion on nuclear power: a constructionist approach. **American Journal of Sociology**, v. 95, p. 1–37, 1989.
- GIULIANOTTI, R. Supporters, followers, fans, and flaneurs: A taxonomy of spectator identities in football. **Journal of sport and social issues**, v. 26, n.1, p. 25-46, 2002.
- GOÑDA, M. Supporters' Movement "Against Modern Football" and Sport Mega Events: European and Polish Contexts. **Przegląd Socjologiczny**, v. 62, p. 85-106, 2013.
- HAY, C. **Why we hate politics**. Cambridge: Polity Press, 2007.
- HAY, C. Depoliticisation as Process, Governance as Practice. **Policy and Politics**, v. 42, n. 2, p. 293–311, 2014.
- HAYNES, R. **The football imagination: the rise of football fanzine culture**. Aldershot: Arena, 1995.
- HILL, T., CANNIFORD, R., & MILLWARD, P. Against modern football: Mobilising protest movements in social media. **Sociology**, v. 52, n. 4, p. 688-708, 2018.
- JENKINS, L. The Difference Genealogy Makes. **Political Studies**, v. 59, n. 1, p. 156–74, 2011.
- LAWRENCE, R. G. Framing obesity: The evolution of news discourse on a public health issue. **Harvard International Journal of Press/Politics**, v. 9, n. 3, p. 56-75, 2004.
- LOPES, F. T. P., & DE HOLLANDA, B. B. B. "Ódio eterno ao futebol moderno": poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo. **Tempo**, v. 24, n.2, p. 206-232, 2018.
- NASH, R. Contestation in modern English professional football: the Independent Supporters Association Movement. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 35, n. 4, p. 465-486, 2000.
- NASH, R. English football fan groups in the 1990s: class, representation and fan power. **Soccer & Society**, v. 2, n.1, p. 39-58, 2001.
- NUMERATO, D. Who says "no to modern football?" Italian supporters, reflexivity, and neo-liberalism. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 39, n.2, p. 120-138, 2015.
- PERASOVIĆ, B., & MUSTAPIĆ, M. Carnival supporters, hooligans, and the 'Against Modern Football' movement: life within the ultras subculture in the Croatian context. **Sport in Society**, v. 21, n.6, p. 960-976, 2018.
- RIEDER, B. Studying Facebook via data extraction: the Netvizz application. In Proceedings of the 5th Annual ACM Web Science Conference (WebSci '13). ACM, New York, p. 346-355, 2013.
- ROGERS, R. The end of the virtual: Digital methods. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2009.
- TAYLOR, I. Football mad: a speculative sociology of football hooliganism. In: DUNNING, E. (Ed.). **The sociology of sport: a selection of readings**. London: Frank Cass, 1971a, p. 352-377.
- TAYLOR, I. Soccer consciousness and soccer hooliganism. In: COHEN, S. (Ed.). **Images of deviance**. Harmondsworth: Pelican, 1971b, p. 134-163.
- TYLDESLEY, K., & TYLDESLEY, M. "Against Modern Football". A "utopia-in-the-gaps"? **Sociétés**, v. 4, p. 105-109, 2015.
- VIMIEIRO, A. C., & MAIA, R. C. M. Enquadramentos da mídia e o processo de aprendizado social: transformações na cultura pública sobre o tema da deficiência de 1960 a 2008. **E-Compós**, v.14, n.1, p. 1-22, 2011.
- WEBBER, D. M. Playing on the break': Karl Polanyi and the double-movement 'Against Modern Football'. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 52, n. 7, p. 875-893, 2017.
- WOOD, M. Politicisation, depoliticisation and anti-politics: Towards a multilevel research agenda. **Political Studies Review**, v.14, n. 4, p. 521-533, 2016.
- WOOD, M., & FLINDERS, M. Rethinking depoliticisation: beyond the governmental. **Policy & Politics**, v.42, n. 2, p. 151-170, 2014.